CURSO DE BACHARELADO EM ENFERMAGEM

EDNA ALINE SOUSA NASCIMENTO

A ATUAÇÃO DA ENFERMAGEM NO CUIDADO A PACIENTES COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA EM AMBIENTE HOSPITALAR

SUMÉ - PB
2025

EDNA ALINE SOUSA NASCIMENTO

A ATUAÇÃO DA ENFERMAGEM NO CUIDADO A PACIENTES COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA EM AMBIENTE HOSPITALAR

Monografia apresentada ao curso Superior de Enfermagem da UNICIR – Faculdade do Cariri, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharela em Enfermagem.

Orientadora: Profesora. Esp. Jocilda de Azevêdo Rodrigues e Ramos.

SUMÉ - PB
2025

N244a Nascimento, Edna Aline Sousa.
A atuação da enfermagem no cuidado a pacientes com transtorno do espectro autista em ambiente hospitalar. / Edna Aline Sousa Nascimento. - 2025.

26f.

Orientadora: Professora Esp. Jocilda de Azevêdo Rodrigues e Ramos
Monografia – UNICIR - Faculdade do Cariri; Curso Superior de Enfermagem.

1. Autismo. 2. Crianças. 3.Enfermagem. 4. Hospitalar. 5. TEA. 6. Atendimento humanizado. I. Ramos, Jocilda de Azevêdo Rodrigues e. II. Título.

CDU: 616.89-008.4(043.1)

Elaboração da ficha catalográfica:

Élida Maeli Fernandes Quirino
Bibliotecária - CRB – 15 / 976

EDNA ALINE SOUSA NASCIMENTO

A ATUAÇÃO DA ENFERMAGEM NO CUIDADO A PACIENTES COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA EM AMBIENTE HOSPITALAR

Monografia apresentada ao curso Superior de Enfermagem da UNICIR – Faculdade do Cariri, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharela em Enfermagem.

BANCA EXAMINADORA:

Profesora. Esp. Jocilda de Azevêdo Rodrigues e Ramos.
Orientadora - UNICIR – Faculdade do Cariri

Profesora. Esp. Ednalva Alves Libânio de Oliveira.
Examinadora Interna - UNICIR – Faculdade do Cariri

Profesora. Esp. Maria Milaneide Lima Viana.
Examinadora Interna - UNICIR – Faculdade do Cariri

Trabalho Aprovado em: 27 de novembro de 2025.

SUMÉ - PB

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, por me conceder força, sabedoria e perseverança durante toda essa jornada. Foi Ele quem me sustentou nos momentos de cansaço e me deu fé para seguir em frente, mesmo diante das dificuldades.

Agradeço com todo o meu amor à minha mãe, por ser meu alicerce, por nunca deixar de acreditar em mim e por todo o apoio, carinho e incentivo que sempre me ofereceu. Sem o seu amor e sua dedicação, esta conquista não seria possível.

Ao meu filho, Pedro, dedico um agradecimento especial. Você é a minha maior motivação, o motivo pelo qual busco ser sempre melhor. Concluir esta faculdade é mais do que um sonho realizado, é uma conquista que representa um futuro melhor para nós.

Ao meu pai, dedico esta conquista que não é apenas minha, mas também sua. Este sonho realizado carrega em si o reflexo de tudo o que você foi e do que não teve a oportunidade de viver.

A minha irmã Ayanne, por estar sempre ao meu lado, incentivando e apoiando; e à minha irmã Esther (Tete), por todo o amor, sua doçura e inocência, ao dizer que "a dinda é enfermeira e vai trabalhar no hospital", enchem meus olhos de lágrimas e meu coração de amor. Não poderia deixar de agradecer às minhas companheiras de faculdade, por cada momento compartilhado, pelas risadas, pelos desafios superados juntas e por toda a parceria ao longo dessa jornada. Agradeço também ao meu namorado, pelo amor, paciência e apoio incondicional. E, por fim, a todas as pessoas que estiveram comigo nessa caminhada, torcendo, incentivando e acreditando em mim.

A cada um de vocês, o meu sincero e eterno agradecimento. Esta vitória é nossa!

RESUMO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um transtorno do neurodesenvolvimento caracterizado por desafios na comunicação, na interação social e pela presença de comportamentos repetitivos. No contexto hospitalar, essas particularidades demandam adaptações específicas no cuidado, tornando a atuação da enfermagem essencial para assegurar um atendimento humanizado e adequado às necessidades dessas crianças. Nesse sentido, este estudo teve como objetivo analisar as estratégias de assistência de enfermagem direcionadas às crianças com TEA no ambiente hospitalar, identificando práticas que promovam um cuidado inclusivo, seguro e acolhedor. Para tanto, realizou-se um estudo qualitativo descritivo, fundamentado em uma revisão integrativa da literatura, com buscas efetuadas em fevereiro de 2025 nas bases BVS, CAPES e SciELO, utilizando os descritores "Assistência" AND "Enfermagem" AND "Autista" AND "Hospitalar", incluindo artigos publicados entre 2016 e 2025. Os resultados evidenciam o papel central da enfermagem na atenção à criança com TEA em contexto hospitalar, destacando a importância do gerenciamento adequado do ambiente, com redução de estímulos sensoriais e organização do fluxo de atendimento, a fim de promover maior conforto e segurança. Ressalta-se, ainda, o uso de estratégias de comunicação e de recursos lúdicos que favoreçam a interação e contribuam para minimizar a ansiedade da criança. Ademais, a atuação do enfermeiro envolve o engajamento ativo da família, promovendo a autonomia da criança e o empoderamento dos pais no cuidado diário, o que contribui para a consolidação de práticas de cuidado inclusivas e humanizadas

Palavras-chave: autismo; crianças; enfermagem; hospitalar.

ABSTRACT

Autism Spectrum Disorder (ASD) is a neurodevelopmental condition characterized by challenges in communication and social interaction, as well as the presence of repetitive behaviors. In the hospital setting, these particularities require specific adaptations in care, making nursing practice essential to ensure humanized care that meets the needs of these children. In this context, the present study aimed to analyze nursing care strategies directed toward children with ASD in the hospital environment, identifying practices that promote inclusive, safe, and welcoming care. To achieve this, a descriptive qualitative study was conducted based on an integrative literature review. Searches were performed in February 2025 in the BVS, CAPES, and SciELO databases, using the descriptors “Care” AND “Nursing” AND “Autism” AND “Hospital,” and included articles published between 2016 and 2025. The results highlight the central role of nursing in caring for children with ASD in the hospital context, emphasizing the importance of properly managing the environment by reducing sensory stimuli and organizing the flow of care to promote greater comfort and safety. The study also underscores the use of communication strategies and playful resources that facilitate interaction and help minimize the child’s anxiety. Additionally, nurses' practice involves the active engagement of the family, fostering the child’s autonomy and empowering parents in daily care. This contributes to the consolidation of inclusive and humanized care practices.

Keywords: autismo; child; nursing; hospital.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO..... 7

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA..... 9
2.1 O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)..... 9
2.2 O CONTEXTO HOSPITALAR E AS NECESSIDADES ESPECÍFICAS DO PACIENTE COM TEA..... 10
2.3 A ATUAÇÃO DA ENFERMAGEM NO CUIDADO AO PACIENTE COM TEA..... 11
2.4 DESAFIOS E PERSPECTIVAS PARA A ENFERMAGEM..... 12
2.5 ASPECTOS ÉTICOS E HUMANIZAÇÃO DO CUIDADO..... 14

3 METODOLOGIA..... 15

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO..... 16

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 22

REFERÊNCIAS..... 24

1. INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA), mais conhecido como autismo, caracteriza-se como um transtorno do neurodesenvolvimento, onde os principais sintomas geralmente se manifestam no início do desenvolvimento, muitas vezes antes da criança ingressar na escola. Segundo Pinto et al (2016), embora sua causa ainda não seja conhecida completamente, considera-se uma síndrome de origem multicausal, incluindo aspectos genéticos, neurológicos e sociais da criança.

De acordo com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM 5 - TR), o TEA caracteriza-se por déficits persistentes na comunicação social e na interação social em diversos contextos, incluindo dificuldade na comunicação e na reciprocidade social bem como padrões de comportamento, interesses ou atividades restritos e repetitivos. Dessa forma, é fundamental que o desenvolvimento da criança seja constantemente incentivado, mesmo diante dos diversos desafios comportamentais, de linguagem, de expressão emocional e de convivência social. É necessário oferecer suporte contínuo, atenção reforçada e ações pensadas especialmente para elas (Sousa; Abreu; Badadué, 2024).

Segundo Oliveira, Morais e Franzoi (2019), ainda que existam variações nos graus e nas maneiras diferentes entre as crianças ou até mesmo em uma mesma criança, geralmente há alterações qualitativas nos aspectos da interação social, da comunicação ou do comportamento. Cada criança diagnosticada com Transtorno do Espectro Autista possui características únicas, o que implica que as intervenções dos profissionais devem ser adaptadas às especificidades de cada criança.

O número de crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) tem crescido de forma expressiva nos últimos anos. Diante desse cenário, os profissionais de saúde enfrentam diversos desafios na oferta de cuidados adequados a essas crianças, o que reforça a necessidade de qualificação e ampliação do conhecimento dos profissionais de enfermagem para garantir uma assistência integral, humanizada e condizente com as demandas crescentes dessa população. A limitação de cada criança apresentada, implica em refletir sobre a adequação do sistema de saúde em um ambiente hospitalar holístico e multidisciplinar.

O ambiente hospitalar, por sua natureza, é regido por normas e protocolos que objetivam garantir a segurança, a eficiência e a organização dos atendimentos. Contudo, esses mesmos padrões, embora necessários, podem se tornar fatores limitadores para crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), uma vez que nem sempre contemplam suas necessidades específicas de adaptação e acolhimento.

De forma geral, as principais limitações observadas referem-se à falta de privacidade durante as internações — momento em que a criança é frequentemente exposta a procedimentos realizados em espaços coletivos — e à alimentação, visto que os hospitais costumam oferecer refeições padronizadas, desconsiderando a seletividade alimentar e as questões sensoriais comuns nesse público. Além disso, o excesso de estímulos presentes nesses ambientes, como luzes intensas e movimentação constante de pessoas, pode gerar desconforto e sobrecarga sensorial, dificultando o processo de cuidado e adaptação da criança, podendo inclusive intensificar questões emocionais preexistentes (Bonfim et al, 2023).

No ambiente hospitalar, a equipe de enfermagem está na linha de frente no cuidado com a criança TEA, desempenhando um papel fundamental no acolhimento, na escuta qualificada, na adaptação do ambiente, na promoção do vínculo e na comunicação entre a criança e seus familiares. Para tanto, é fundamental que os enfermeiros tenham conhecimento aprofundado sobre os sintomas, condições e características comportamentais e sensoriais típicas do transtorno, indo além do reconhecimento de sinais clínicos e ampliando sua compreensão sobre as especificidades do TEA no contexto hospitalar

Diante da crescente demanda por um atendimento mais humanizado e inclusivo, torna-se fundamental compreender como a enfermagem pode aprimorar sua atuação junto às crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no contexto hospitalar. Nesse sentido, o presente estudo teve como objetivo investigar as estratégias de assistência de enfermagem direcionadas a esse público, analisando como as práticas podem ser adaptadas para atender às suas necessidades sensoriais, comportamentais e comunicacionais, de modo a promover um cuidado mais seguro, eficaz e acolhedor. Ressalta-se, portanto, a relevância de refletir sobre as abordagens que os profissionais de enfermagem podem adotar para reconhecer e respeitar as particularidades de cada criança, garantindo um atendimento genuinamente humanizado.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

De acordo com estimativas da Organização das Nações Unidas (ONU), mais de 70 milhões de pessoas no mundo vivem com o Transtorno do Espectro Autista (TEA). No Brasil, estima-se que aproximadamente 1 milhão de indivíduos apresentem o transtorno (Magalhães et al., 2019). Embora a etiologia do autismo ainda não esteja completamente esclarecida, pesquisas indicam que sua origem está relacionada a uma interação complexa entre fatores genéticos e ambientais.

Caracterizado por desordens de origem neurobiológica, que podem provocar prejuízos referentes aos comportamentos restritivos e repetitivos e déficits na área sociocomunicativa (Julio-Costa; Antunes, 2017), a primeira descrição do TEA foi exposta por Leo Kanner, em 1943, com embasamento em casos de onze crianças que ele acompanhava e que possuíam algumas características em comum, como: severos distúrbios de linguagem; incapacidade de se relacionarem com outras pessoas e uma preocupação obsessiva pelo que é imutável. Esse conjunto de características foi chamado por ele de autismo infantil precoce.

Durante décadas, o Transtorno do Espectro Autista (TEA) foi classificado como "esquizofrenia infantil". Contudo, a partir da década de 1970, reconheceu-se a necessidade de diferenciá-lo das psicoses, o que levou, no DSM-III (1980), à exclusão do termo "esquizofrenia infantil" e à definição do autismo como um distúrbio próprio do desenvolvimento infantil. Na versão seguinte, o DSM-IV (1994), o autismo deixa de ser nomeado como distúrbio e passa a ser caracterizado como transtorno, mantendo-se como entidade nosográfica dos Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGD), ao lado do Transtorno de Asperger, Transtorno de Rett, Transtorno Desintegrativo da Infância e TGD sem outra especificação.

Em contrapartida, nos sistemas diagnósticos mais recentes (DSM-V/APA; CID-10/OMS, CID-11/OMS), o TEA emerge como uma categoria que engloba os transtornos antes chamados de autismo infantil precoce, autismo infantil, autismo de Kanner, autismo de alto funcionamento, autismo atípico, transtorno global do desenvolvimento sem outra especificação, transtorno desintegrativo da infância e transtorno Asperger, objetivando uma melhora na sensibilidade e especificidade dos critérios para o diagnóstico de TEA, agora então compreendido como um continuum com ampla variação na forma como se apresenta clinicamente.

Conforme aponta Silva et al (2024), o Transtorno do Espectro Autista (TEA) manifesta-

se ainda nos primeiros estágios do desenvolvimento infantil e abrange um conjunto de condições caracterizadas por dificuldades persistentes na comunicação, interação social, comportamentos repetitivos e reações sensoriais diferenciadas. Essas características podem influenciar a forma como a pessoa se relaciona, aprende e realiza suas atividades diárias.

A severidade das manifestações do Transtorno do Espectro Autista (TEA) pode variar amplamente, classificando-se em níveis leve, moderado ou grave, o que justifica o uso do termo "espectro" (Bennemann; Brum, 2024; Cunha et al., 2019). O DSM-5-TR e a CID-11 mantêm a terminologia TEA e os domínios centrais do diagnóstico, que abrangem a interação social, a comunicação e os padrões restritos e repetitivos de comportamento. O aumento global da prevalência de casos de TEA tem gerado uma demanda crescente por atendimentos nos serviços de saúde, representando um desafio significativo para as equipes assistenciais (Bennemann; Brum, 2024). Além disso, as dificuldades de comunicação e interação social características do transtorno podem intensificar o sofrimento e o estresse dos indivíduos em contextos hospitalares, exigindo abordagens de cuidado mais sensíveis e adaptadas às suas necessidades (Faustino et al., 2022).

2.2. O CONTEXTO HOSPITALAR E AS NECESSIDADES ESPECÍFICAS DO PACIENTE COM TEA

A hospitalização constitui uma experiência particularmente estressante para a criança com TEA, demandando uma compreensão integral de suas necessidades (Oliveira; Morais; Franzoi, 2019). Esse estresse é potencializado no contexto dos setores de emergência, onde a presença de inúmeros estímulos sensoriais — como ruídos de conversas, gritos, alarmes, aparelhos eletrônicos, luzes fluorescentes intensas ou intermitentes e grande circulação de pessoas — pode intensificar a sobrecarga sensorial e o desconforto (Bennemann; Brum, 2024). Além disso, esses sujeitos podem ter uma atenção superseletiva, ou seja, focar excessivamente em certos estímulos, e também podem ter dificuldade em modular as informações recebidas, o que gera um desconforto quando expostas a múltiplos estímulos ao mesmo tempo. Esse quadro dificulta o cuidado hospitalar e exige uma abordagem sensível às necessidades sensoriais dessa população. Nesse contexto, mudanças comportamentais, movimentos repetitivos e ecolalia são manifestações frequentes (Oliveira; Morais; Franzoi, 2019), e a frustração decorrente das barreiras comunicacionais pode desencadear explosões de agressividade, tornando a abordagem e o cuidado ainda mais desafiadores (Cunha et al., 2019).

Outro aspecto relevante diz respeito às dificuldades de comunicação, característica

central do TEA e um dos principais desafios no cuidado hospitalar (Silva et al., 2024). A fala pode estar ausente em até 50% das crianças com TEA e, quando associada a um ambiente sensorial inadequado, essa limitação aumenta significativamente o risco de interações frustrantes entre a equipe e a criança. Em alguns casos, tais dificuldades podem demandar o uso de medidas de contenção física durante procedimentos, visando garantir a segurança e a execução adequada do cuidado (Oliveira; Morais; Franzoi, 2019).

Esse cenário se agrava quando a hospitalização ocorre em ambientes lotados, sem espaços reservados e com intensa circulação de pessoas, condições que dificultam o controle dos estímulos ambientais e rompem abruptamente a rotina da criança. Nessas situações, muitas famílias optam por abreviar a internação quando há possibilidade segura de continuidade do tratamento em domicílio (Oliveira et al., 2019; Cunha et al., 2019).

Além das barreiras comunicacionais e ambientais, a seletividade alimentar — frequente entre crianças com TEA — intensifica os desafios hospitalares. Padrões alimentares restritivos e reações sensoriais a sabor, odor, textura ou temperatura podem comprometer a ingestão nutricional, aumentando os riscos de desnutrição e desidratação (Pimenta et al., 2021; Cunha et al., 2019). Nesse contexto, o enfermeiro desempenha papel central ao monitorar a aceitação alimentar, investigar as causas da recusa e articular estratégias individualizadas junto à equipe multiprofissional (Izidoro; Lopes; Soares, 2024).

Assim, diante desses fatores, torna-se essencial que o planejamento do cuidado considere as necessidades sensoriais, comportamentais, emocionais e comunicacionais das crianças com TEA em ambiente hospitalar, de modo a promover um atendimento mais eficaz, seguro e menos traumático.

2.3. A ATUAÇÃO DA ENFERMAGEM NO CUIDADO AO PACIENTE COM TEA

A equipe de enfermagem constitui o núcleo operacional do cuidado em saúde, atuando de forma direta, contínua e ininterrupta junto aos pacientes hospitalizados, sendo reconhecida como a linha de frente da assistência (Cunha et al., 2019; Oliveira; Morais; Franzoi, 2019). Diante dessa centralidade, torna-se indispensável que o profissional detenha conhecimentos científicos e habilidades técnicas que possibilitem o desenvolvimento de estratégias eficazes para minimizar os impactos do Transtorno do Espectro Autista (TEA) sobre o paciente e sua família (Izidoro; Lopes; Soares, 2024). Nesse contexto, o enfermeiro emerge como o principal agente responsável pela elaboração, organização e implementação dos planos de assistência, o

que requer domínio científico e competência técnica para o manejo seguro e adequado da população com TEA (Faustino et al., 2022; Bennemann; Brum, 2024).

Para que essa atuação seja efetiva, é necessário que as intervenções estejam ancoradas em processos sistemáticos capazes de contemplar as particularidades do paciente e de orientar ações direcionadas às suas necessidades específicas. Isso inclui não apenas o cuidado à criança com TEA, mas também o suporte à sua rede de apoio — frequentemente representada pela mãe, que, em grande parte dos casos, assume o papel de principal cuidadora. Nesse sentido, a Sistematização da Assistência de Enfermagem (SAE) configura-se como o principal instrumento norteador da prática profissional, ao permitir a organização racional do cuidado, a tomada de decisões clínicas fundamentadas e a garantia de uma abordagem holística, individualizada e integral (Silva et al., 2024; Cunha et al., 2019).

Por meio da SAE, o enfermeiro pode identificar necessidades específicas, planejar intervenções compatíveis com as particularidades sensoriais, comportamentais e emocionais do paciente com TEA, além de promover ações de apoio e educação em saúde direcionadas aos familiares. Assim, a atuação sistematizada contribui para a qualificação da assistência, a segurança do paciente e a promoção de um cuidado mais humano e orientado às demandas reais da criança e de seu núcleo familiar.

Todavia, a literatura aponta que profissionais de enfermagem frequentemente se sentem inseguros e despreparados para o manejo de pacientes com Transtorno do Espectro Autista, devido à insuficiência de conhecimentos específicos, à limitação de experiências práticas e à baixa oferta ou adesão a processos formativos sobre o tema. Essas lacunas, presentes desde a formação acadêmica até a prática profissional, comprometem a qualidade do cuidado e a comunicação com o paciente e sua família, refletindo a carência de conteúdos aprofundados sobre o neurodesenvolvimento e a falta de investimentos institucionais em Educação Permanente em Saúde e em pesquisas que fundamentam intervenções baseadas em evidências (Oliveira, Morais, Franzoi, 2019; Faustino et al., 2022; Pimenta et al., 2021).

2.4. DESAFIOS E PERSPECTIVAS PARA A ENFERMAGEM

O atendimento à criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no contexto hospitalar configura-se como um desafio significativo para a equipe de enfermagem, devido às particularidades comportamentais, comunicacionais e sensoriais que caracterizam esse público (Cunha et al., 2019; Bennemann; Brum, 2024). A complexidade do manejo clínico e a necessidade de adaptações específicas tornam o processo assistencial mais exigente quando

comparado ao cuidado prestado a crianças neurotípicas.

Estudos evidenciam que a fragilidade na assistência é mais acentuada no cuidado às crianças com TEA, em função das barreiras profissionais relacionadas ao déficit de conhecimento, falta de preparo técnico e insegurança diante das demandas comportamentais típicas do transtorno (Oliveira; Morais; Franzoi, 2019). Essa combinação de fatores contribui para intervenções menos efetivas, dificuldades na comunicação terapêutica e maior risco de estresse e desregulação emocional durante a hospitalização, reforçando a necessidade de capacitação específica e estratégias de cuidado individualizado.

De forma mais específica, os setores de emergência hospitalar costumam reunir condições ambientais que favorecem a desorganização sensorial, especialmente em crianças com Transtorno do Espectro Autista. Trata-se de espaços naturalmente intensos, marcados por ruídos constantes, iluminação forte e circulação ininterrupta de profissionais e equipamentos. Para muitas crianças com TEA, que frequentemente apresentam hipersensibilidade aos estímulos, esse cenário pode desencadear sobrecarga sensorial e perda do equilíbrio emocional (Bennemann; Brum, 2024).

O acúmulo de estímulos auditivos, visuais e táteis contribui diretamente para alterações comportamentais, aumento da ansiedade e episódios de agitação (Silva et al., 2024). Soma-se a isso a carência de ambientes mais tranquilos — como quartos privativos ou espaços voltados ao acolhimento infantil, a exemplo das brinquedotecas — frequentemente apontada pela equipe de enfermagem como uma limitação importante na assistência (Oliveira; Morais; Franzoi, 2019). A inexistência desses locais reduz as possibilidades de controlar estímulos, acolher a criança e oferecer um ambiente minimamente previsível e seguro durante a hospitalização.

Do ponto de vista organizacional, o cuidado à pessoa com TEA exige maior disponibilidade de tempo, adaptações na comunicação e atenção constante ao manejo de ansiedade e agitação. No entanto, muitos serviços hospitalares enfrentam equipes de enfermagem reduzidas, o que dificulta a oferta de um cuidado realmente individualizado e alinhado às demandas desse público (Oliveira; Morais; Franzoi, 2019). A questão do tempo, em especial, torna-se decisiva. Em ambientes de emergência, a espera costuma ser longa, e esses intervalos prolongados funcionam como gatilhos importantes de estresse. Para a criança com TEA, esse tempo parado pode gerar irritabilidade, desregulação emocional e resistência às intervenções (Bennemann; Brum, 2024). Nesse contexto, além de intensificar a ansiedade, a demora no atendimento dificulta a realização de procedimentos e aumenta a probabilidade de crises comportamentais, reforçando a urgência de fluxos assistenciais mais ágeis, organizados e sensíveis às especificidades do TEA.

2.5. ASPECTOS ÉTICOS E HUMANIZAÇÃO DO CUIDADO

O atendimento humanizado e inclusivo deve constituir o alicerce da assistência à criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA), orientando-se por uma visão integral do paciente e pela postura ética e acolhedora do profissional de enfermagem. Nesse contexto, o enfermeiro deve assegurar condições de bem-estar, conforto e segurança, elementos indispensáveis para o desenvolvimento global da criança e para a efetividade das intervenções em saúde (Cunha et al., 2019).

O cuidado à criança com TEA depende de uma parceria constante com os cuidadores e a família, reconhecidos como protagonistas nesse processo (Bennemann; Brum, 2024; Neves et al., 2020). A família atua como mediadora essencial, colaborando na comunicação, na interpretação dos comportamentos e na compreensão das necessidades da criança (Oliveira et al., 2019). Quando a equipe compartilha e delega cuidados, esse vínculo se fortalece e o ambiente torna-se mais seguro e colaborativo, alinhado ao modelo de cuidado centrado na família, que busca incluí-la nas decisões e promover autonomia, corresponsabilidade e empoderamento no manejo do TEA (Izidoro; Lopes; Soares, 2024).

Nesse contexto de parceria, a comunicação terapêutica também se destaca como elemento central. Ela precisa ser direta, clara e adaptada às necessidades da criança, utilizando recursos visuais, como símbolos, figuras e quadros de rotina, para melhorar o entendimento, reduzir a ansiedade e favorecer a cooperação (Bennemann; Brum, 2024; Cunha et al., 2019; Pimenta et al., 2021). Para crianças não verbais ou com limitações de linguagem, sistemas de comunicação alternativa, como o PECS, ampliam a interação e tornam o cuidado mais funcional (Pimenta et al., 2021).

Somando-se a essas estratégias, as tecnologias leves voltadas ao cuidado humanizado contribuem significativamente no ambiente hospitalar. A musicoterapia, por exemplo, reduz o isolamento, melhora a comunicação, fortalece vínculos e torna a internação mais acolhedora (Oliveira; Morais; Franzoi, 2019; Silva et al., 2024b). Por fim, o uso de práticas lúdicas se mostra fundamental, já que o brincar atua como recurso terapêutico que estimula o desenvolvimento, facilita a expressão de sentimentos e aproxima a criança do profissional, qualificando ainda mais o cuidado (Silva et al., 2024).

3. METODOLOGIA

Mendes et al. (2008) destacam que a revisão integrativa da literatura tem como objetivo reunir e analisar, de forma ampla, os estudos já existentes sobre um tema, possibilitando discutir métodos, resultados e apontar caminhos para novas pesquisas. Essa abordagem permite uma visão abrangente do conhecimento produzido, servindo de base para a construção de práticas fundamentadas em evidências científicas.

Nesse sentido, o presente estudo qualitativo descritivo, que versa sobre a atuação da enfermagem no cuidado a pacientes com transtorno do espectro autista em ambiente hospitalar, foi desenvolvido por meio de uma revisão integrativa da literatura. Considerada uma das abordagens metodológicas mais práticas entre as revisões, essa estratégia surgiu da necessidade de garantir uma prática assistencial fundamentada em evidências. Trata-se de uma ferramenta essencial no campo da saúde, pois integra e sintetiza as pesquisas disponíveis sobre determinado tema, orientando a atuação profissional com base no conhecimento científico.

Para coleta de dados, foi realizado um levantamento bibliográfico nas bases de dados indexadas na Biblioteca Virtual de Saúde: BVS (Biblioteca virtual de saúde), CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e SciELO (Biblioteca Científica Digital Online), onde foram utilizados os descritores em português: “Assistência” AND “Enfermagem” AND “Autista” AND “Hospitalar”. A busca de dados foi realizada em fevereiro de 2025, sendo incluídos artigos publicados entre os anos de 2016 a 2025, na língua portuguesa, publicados na íntegra e que abordassem a atuação da enfermagem no cuidado a pacientes com transtorno do espectro autista em ambiente hospitalar. Foram excluídos resumos, textos incompletos, relatos, estudos de caso, revisões e artigos publicados anteriormente ao ano de 2016.

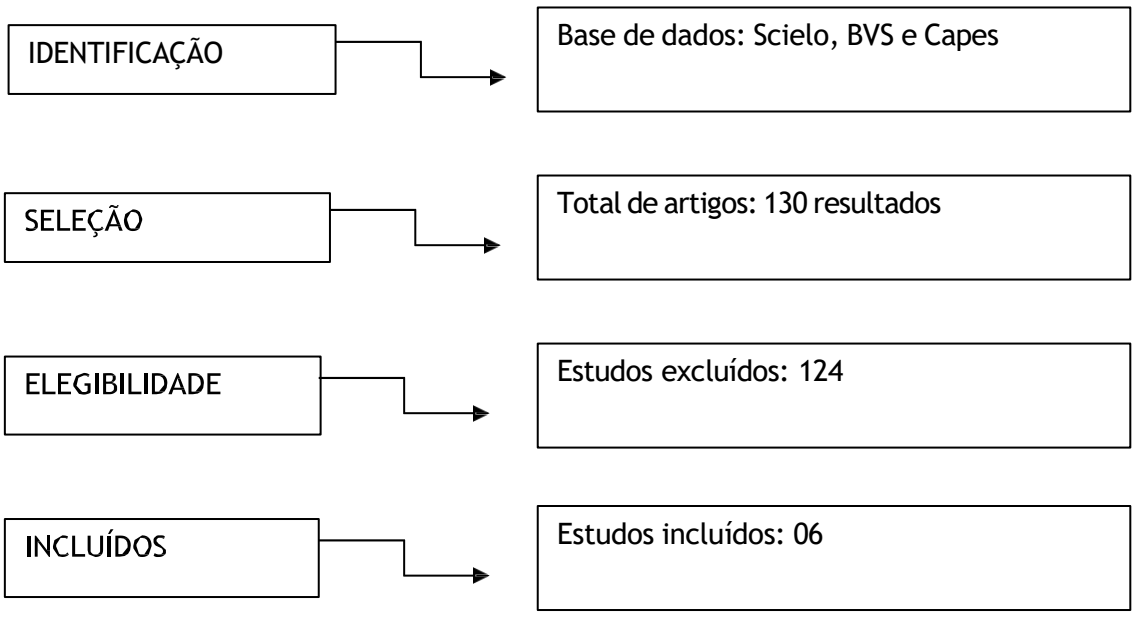
Por fim, destaca-se que, por se tratar de uma revisão integrativa da literatura, esta pesquisa não envolveu a coleta direta de dados com seres humanos e, portanto, não exigiu submissão à apreciação de Comitês de Ética em Pesquisa. Ainda assim, todas as diretrizes de boas práticas científicas foram rigorosamente seguidas, com a devida citação das fontes consultadas e o respeito integral aos direitos autorais.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A busca bibliográfica, a partir da associação dos descritores definidos “Assistência” AND “Enfermagem” AND “Autista” AND “Hospitalar”, resultou na identificação de 130 artigos, distribuídos entre as seguintes bases de dados: BVS (n=51), CAPES (n=77) e SciELO (n=2). Posteriormente, aplicaram-se os filtros de elegibilidade referentes ao período de publicação (2016 a 2025), idioma (português) e disponibilidade de texto completo, reduzindo o número de estudos para 109. Excluíram-se revisões de literatura, estudos de caso e textos incompletos, na sequência, procedeu-se à análise criteriosa dos títulos, com base na pertinência ao tema da pesquisa. Após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão e a leitura dos resumos, 06 artigos foram selecionados para compor o corpus da revisão.

O diagrama PRISMA (figura 1), apresenta o processo de seleção, demonstrando as fases de identificação, seleção, elegibilidade e inclusão da pesquisa.

Figura 1 - Diagrama PRISMA



Fonte: Elaboração Própria (2025).

Após realizar a seleção, a tabela 1 foi elaborada com o objetivo de proporcionar uma compreensão mais aprofundada dos periódicos selecionados nas bases de dados mencionadas anteriormente. A tabela contempla as seguintes variáveis: título, autor/ano, objetivos do estudo, amostra, tipo de estudo e conclusão.

Quadro 1 - Descrição dos artigos Incluídos no estudo

TÍTULO, AUTOR/ANO	OBJETIVO	AMOSTRA	TIPO DE ESTUDO	CONCLUSÃO
"Autismo infantil: impacto do diagnóstico e repercussões nas relações familiares." (Pinto et al., 2016)	Analisar o contexto da revelação do diagnóstico do autismo e o impacto deste nas relações familiares	A população foi composta por 10 familiares que acompanhavam crianças autistas no serviço.	O estudo caracteriza-se como exploratório-descritivo de abordagem qualitativa.	Há necessidade do profissional de saúde que noticiará o autismo saber preparar melhor a família para enfrentar as dificuldades impostas pela síndrome e para conquistar a autonomia no cuidado ao autista.
"Criança com transtorno do espectro autista: cuidado na perspectiva familiar." (Mapelli et al., 2018)	Conhecer a experiência da família no cuidado da criança com Transtorno do Espectro Autista e discutir possibilidades de cuidado em saúde.	15 famílias de crianças com Transtorno do Espectro Autista, residentes em dois municípios do interior do estado de São Paulo	Pesquisa descritiva, qualitativa.	Desvelar experiência familiar no cuidado da criança com transtorno do espectro autista potencializa estratégias de fortalecimento e adaptação.
"Assistência às famílias de crianças com Transtornos do Espectro Autista: percepções da equipe multiprofissional." (Bonfim et al., 2023)	Sintetizar o cuidado prestado por profissionais de saúde, nos diferentes níveis de atenção, às famílias de crianças com Transtornos do Espectro Autista.	22 profissionais de três equipes multidisciplinares de serviços da Rede de Atenção à Saúde de um município do estado de Mato Grosso do Sul, Brasil	Pesquisa de natureza exploratória, descritiva, de abordagem qualitativa, pautada no referencial teórico filosófico do Cuidado Centrado na Família (CCF).	Destaca-se a necessidade de rever o funcionamento e modo como a rede para o cuidado multiprofissional da criança e sua família está organizada. Recomenda-se a oferta de ações de educação permanente que contribuam com a qualificação das equipes

				multiprofissionais no cuidado às famílias de crianças no espectro do autismo.
"O desafio para enfermeiro em atendimento no contexto intra - Hospitalar: crianças portadoras de TEA." (Pimenta et al., 2021)	Compreender os aspectos mais relevantes em crianças autistas e a partir de análises comportamentais padronizadas,compreender as dificuldades enfrentadas por enfermeiros na identificação desses pacientes e por consequência, criar mecanismos que proporcionem ao profissional de enfermagem a condição necessária para a realização de um melhor acolhimento intra hospitalar para essas crianças portadores de TEA	Participação de 11 pais, 4 profissionais e 2 crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no município de Barcarena/PA	Trata-se de um relato de experiência, estudo qualitativo.	O principal motivo para as dificuldades encontradas no atendimento de um autista é a escassez de projetos científicos voltados a orientar os profissionais de saúde que atuam diretamente com esses indivíduos e que é possível observar a existência de pouco investimento para o atendimento específico deste indivíduo no sistema hospitalar brasileiro
"Percepções e desafios da equipe de enfermagem frente à hospitalização de crianças com transtorno autísticos." (Oliveira; Morais; Franzoi, 2019)	Analisar as percepções e os desafios da equipe de enfermagem relacionados à assistência voltada a crianças hospitalizadas com	O estudo foi realizado com 19 profissionais de enfermagem da Clínica Pediátrica de um Hospital de Ensino do Distrito Federal, Brasil.	Estudo descritivo, exploratório, de abordagem qualitativa	Os profissionais da equipe de enfermagem sentem-se inseguros e despreparados durante a assistência, devido à incipiência de conhecimento, o

	Transtornos do Espectro do Autismo.			que gera uma dependência da família, para mediar o cuidado da criança com transtornos autísticos hospitalizada.
"Sistematização da assistência de enfermagem a criança autista na unidade hospitalar." (Cunha et al., 2019)	O objetivo deste trabalho consiste em correlacionar os diagnósticos de enfermagem a da criança autista, de forma a subsidiar a sistematização da assistência de enfermagem a ela internada na clínica pediátrica. Trata-se de uma pesquisa exploratória de abordagem qualitativa, com foco na criação de uma proposta de cuidado à criança portadora de TEA internada na ala pediátrica na rede hospitalar.	Profissional da saúde	Trata-se de uma pesquisa exploratória de abordagem qualitativa.	Conclui-se que pequenas mudanças realizadas durante o atendimento à criança com TEA podem ser cruciais para uma assistência de enfermagem humanizada e eficaz, trazendo assim benefícios à criança durante o seu período de internação.

Fonte: Elaboração Própria (2025).

A presente revisão integrativa buscou analisar as estratégias de assistência de enfermagem voltadas às necessidades sensoriais, comportamentais e comunicacionais de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no ambiente hospitalar. A análise dos achados, especialmente daqueles apresentados por Pinto et al. (2016), Mapelli et al. (2018) e Bonfim et al. (2023), evidenciou que o suporte e o acolhimento à família constituem o eixo central do cuidado integral a essa população. Essa ênfase familiar é reafirmada pela literatura examinada, composta por estudos transversais e longitudinais que reiteram a importância de

compreender tanto a experiência da família quanto a percepção dos profissionais sobre a assistência prestada (Bonfim et al., 2023; Mapelli et al., 2018).

A concentração temática dos estudos demonstra que o cuidado de enfermagem direcionado à criança com TEA é indissociável de seu sistema familiar. Pinto et al. (2016) apontam que o diagnóstico de TEA provoca impactos significativos nas relações familiares, e reforçam que a enfermagem desempenha papel fundamental no acompanhamento da criança e de seus cuidadores. A hospitalização intensifica esse cenário, ao potencializar o sofrimento físico e emocional não apenas da criança, mas de todo o núcleo familiar, que permanece como principal responsável pela continuidade do cuidado. Assim, compreender a experiência familiar, como defendem Mapelli et al. (2018), torna-se indispensável para a construção de intervenções eficazes e condizentes com o cotidiano dessas famílias.

A qualidade da assistência depende diretamente da organização da rede de atenção e da qualificação da equipe multiprofissional. Bonfim et al. (2023) destacam que a percepção e a capacidade de articulação dos profissionais são determinantes para evitar a fragmentação das ações e garantir intervenções alinhadas, coerentes e centradas na família. Quando a equipe não está preparada ou não atua de forma integrada, corre-se o risco de negligenciar as necessidades sensoriais e comunicacionais da criança, comprometendo a segurança e a qualidade do cuidado. Nesse contexto, o enfermeiro ocupa posição estratégica como coordenador do cuidado, articulando ações, mediando demandas e garantindo que as intervenções sejam sensíveis às singularidades da criança e de sua família (Bonfim et al., 2023; Mapelli et al., 2018).

A literatura demonstra ainda que a hospitalização se insere em uma trajetória marcada por desafios desde o momento da revelação diagnóstica (Pinto et al., 2016). Por isso, durante a internação, o cuidado físico não pode prevalecer sobre a necessidade de apoio emocional e orientação aos pais, que concentram o conhecimento prático sobre as particularidades da criança. Mapelli et al. (2018) reforçam que reconhecer a experiência da família permite desenvolver um cuidado centrado na parceria, transformando os pais em coparticipantes ativos do plano terapêutico. Assim, uma assistência de enfermagem eficaz é aquela que supera a dimensão técnica e se fundamenta em acolhimento, escuta qualificada e suporte ao núcleo familiar.

Nesse processo, o enfermeiro deve estabelecer intervenções que considerem a família como unidade de cuidado, promovendo orientação, educação em saúde e apoio contínuo. O vínculo terapêutico é fortalecido quando os profissionais acessam informações essenciais sobre

rotinas, gatilhos sensoriais e formas de comunicação da criança, permitindo a construção de um ambiente mais seguro e previsível. Da mesma forma, o cuidado humanizado e individualizado deve conduzir todas as práticas de enfermagem, garantindo a adaptação das intervenções às necessidades específicas de cada criança e favorecendo seu bem-estar (Mapelli et al., 2018; Bonfim et al., 2023).

A análise das evidências permitiu identificar que a assistência à criança com TEA é complexa e requer conhecimento especializado. Diversos estudos relatam sentimento de insegurança, despreparo e insuficiência de conhecimento, frequentemente atribuídos a lacunas na formação acadêmica e à ausência de investimentos consistentes em educação permanente (Oliveira; Morais; Franzoi, 2019; Pimenta et al., 2021). Para superar tais lacunas, os estudos apontam a necessidade de capacitação científica específica sobre o autismo, com inclusão do tema na formação básica e na educação continuada dos profissionais (Cunha et al., 2019).

Entre as intervenções mais imediatas e eficazes, destaca-se a modificação do ambiente hospitalar, uma vez que o excesso de estímulos sensoriais — como ruídos, luz intensa e movimentação excessiva — aumenta o desconforto e prejudica o atendimento (Silva et al., 2024). A enfermagem deve atuar no gerenciamento desses estímulos por meio de estratégias como redução de luzes, diminuição do número de profissionais no quarto e organização do fluxo de atendimento para minimizar o tempo de espera (Oliveira; Morais; Franzoi, 2019).

O acolhimento inclusivo também pode ser facilitado pelo uso de ferramentas específicas, como sistemas de comunicação alternativa (PECS), música e atividades lúdicas, que auxiliam na compreensão e reduzem a tensão associada aos cuidados hospitalares (Pimenta et al., 2021; Oliveira; Morais; Franzoi, 2019). O planejamento do cuidado deve iniciar com anamnese detalhada, abordando rotinas, sensibilidades e seletividade alimentar.

Por fim, destaca-se que o enfermeiro desempenha papel essencial na construção de um cuidado sensível, humanizado e eficaz, capaz de adaptar o ambiente, planejar intervenções individualizadas, superar barreiras de comunicação e estabelecer vínculos de confiança com a família. Esse conjunto de ações é indispensável para assegurar uma assistência qualificada e centrada na criança com TEA (Oliveira; Morais; Franzoi, 2019).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da questão norteadora e do problema apresentado, observa-se que a assistência de enfermagem a crianças com TEA no ambiente hospitalar exige sensibilidade, preparo técnico e compreensão aprofundada das especificidades que caracterizam esse público. As reflexões desenvolvidas ao longo deste estudo, articuladas com os resultados obtidos, evidenciam que a adaptação das práticas de cuidado — contemplando aspectos sensoriais, comportamentais e comunicacionais — é essencial para assegurar um atendimento que ultrapasse a dimensão técnico-procedimental, promovendo segurança, acolhimento e respeito às singularidades de cada criança.

Apesar da relevância do tema, destaca-se a limitada quantidade de estudos que abordam de forma específica a assistência de enfermagem a crianças com TEA no ambiente hospitalar. A escassez de produções científicas voltadas para esse contexto evidencia uma lacuna importante no campo da saúde, dificultando a consolidação de práticas baseadas em evidências e a construção de protocolos assistenciais mais sensíveis às necessidades desse público. Essa limitação reforça a urgência de fomentar novas pesquisas que aprofundem a compreensão das demandas clínicas, sensoriais e emocionais dessas crianças, contribuindo para o fortalecimento de ações de cuidado mais qualificadas, consistentes e alinhadas às diretrizes de inclusão e humanização.

Entretanto, os resultados encontrados por este estudo apontam que o cuidado eficaz à criança com TEA no contexto hospitalar depende de uma abordagem interdisciplinar e centrada na família, a qual se configura como principal referência afetiva e mediadora de todo o processo de hospitalização.

Nesse cenário, a qualificação profissional assume papel determinante: o preparo adequado da equipe não apenas aprimora as intervenções, como também reduz a insegurança dos profissionais, evita a descontinuidade das ações e favorece um atendimento mais humanizado. Da mesma forma, a adaptação do ambiente hospitalar às necessidades sensoriais, comunicacionais e comportamentais da criança mostra-se imprescindível para minimizar o estresse e proporcionar uma experiência mais acolhedora. Assim, a assistência de enfermagem deve transcender o domínio técnico, integrando práticas que valorizem a singularidade e o bem-estar da criança, ao mesmo tempo em que reconheçam o papel indispensável da família e da equipe multiprofissional.

Conclui-se, portanto, que investir em conhecimento, capacitação e abordagens individualizadas é fundamental para qualificar a atuação da enfermagem junto a crianças com

TEA. Reconhecer necessidades específicas, adaptar o ambiente, ajustar formas de comunicação e fortalecer a participação da família emergem como elementos estruturantes de um cuidado verdadeiramente inclusivo. Ao compreender e respeitar as particularidades de cada criança, os profissionais de enfermagem contribuem para uma prática mais ética, eficaz e humanizada, reafirmando o compromisso da profissão com a promoção da saúde integral e com o bem-estar dos pacientes

REFERÊNCIAS

BENNEMANN, V.; BRUM, M. C. B. Cuidados ao paciente pediátrico autista em unidades de emergência hospitalar: uma revisão integrativa. **Revista Enfermagem Brasil**, v. 23, n. 4, p. 1836-1849, 2024. Disponível em: https://doi.org/10.62827/eb.v23i4.4026. Acesso em 08 de outubro de 2025.

BONFIM, TASSIA DE ARRUDA et al. Assistência às famílias de crianças com Transtornos do Espectro Autista: percepções da equipe multiprofissional. **Revista Gaúcha de Enfermagem** [online], 2023. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1518-8345.5694.3781 . Acesso em 08 de abril de 2025.

CUNHA, M. C. G. et al. Sistematização da assistência de enfermagem a criança autista na unidade hospitalar. **Revista Interdisciplinar do Pensamento Científico**, v. 5, n. 4, art. 25, 2019.

FAUSTINO, J. dos S. *et al*. Os desafios do cuidado à criança com Transtorno do Espectro Autista sob a luz da enfermagem. **Revista Brasileira de Desenvolvim**, Vol. 8 No. 11, 2022. Disponível em: https://doi.org/10.34117/bjdv8n11-308. Acesso em 08 de outubro de 2025.

IZIDORO, B. N. B; LOPES, L. B. S.; SOARES, J. O. A maternidade e os desafios nos cuidados da criança com espectro autista sob o olhar da enfermagem. **Revista JRG de Estudos Acadêmicos**, v. 7 n. 14, 2024. Disponível em: https://doi.org/10.55892/jrg.v7i14.1143**.** Acesso em 08 de outubro de 2025.

JULIO-COSTA, A.; ANTUNES, A.M. **Transtorno do espectro autista na prática clínica.** São Paulo: Pearson Clinical Brasil, 2017.

MAPELLI, LINA DOMENICA. *et al.* Criança com transtorno do espectro autista: cuidado na perspectiva familiar. **Escola Anna Nery**, 2018. Disponível em: https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2018-0116. Acesso em 08 de abril de 2025.

NEVES, K. do CARMO. *et al.* Acolhimento à pessoa com transtorno do espectro autista: um desafio para assistência de Enfermagem. **Research, Society and Development**, v. 9 n. 8,2020. Disponível em: https://rsdjournal.org/rsd/article/view/6742. Acesso em 11 de outubro de 2025.

OLIVEIRA, A. C. A.; MORAIS; R. C. M.; FRANZOI, M. A. H. Percepções e desafios da equipe de enfermagem frente à hospitalização de crianças com transtorno autísticos. **Revista Baiana de Enfermagem**, v. 33, n.0, 2019. Disponível em: https://doi.org/10.18471/rbe.v33.28300. Acesso em 12 de outubro de 2025.

PIMENTA, N. G. et al. O desafio para enfermeiro em atendimento no contexto intra - Hospitalar: crianças portadoras de TEA. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 4, n. 3, 2021. Disponível em: https://doi.org/10.34119/bjhrv4n3-225. Acesso em 12 de outubro de 2025.

PINTO, RAYSSA NAFTALY MUNIZ. *et al.* Autismo infantil: impacto do diagnóstico e repercussões nas relações familiares. **Revista Gaúcha de Enfermagem [online],** 2016, v. 37, n. 3. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1983-1447.2016.03.61572. Acesso em 07 de abril de 2025.

SILVA, M. V. B. *et al*. Desafios e potencialidades do cuidado de enfermagem ao binômio mãe - filho no transtorno do espectro autista. **Revista Enfermagem Atual In Derme**, v. 98 n.1 2024. Disponível em: https://doi.org/10.31011/reaid-2024-v.98-n.1-art.2072 . Acesso em 11 de outubro de 2025.

SOUSA, V. F.; ABREU, M. F.; BUDADUÉ, R. M. Enfermagem no cuidado de crianças com transtorno de espectro autista. **Revista, 2024** v. 13, n. 2. Disponível em: https://doi.org/10.36239/revisa.v13.n2.p387a396. Acesso em 07 de abril de 2025.

MENDES, K. D. S.; SILVEIRA, R. C. de C. P.; GALVÃO, C. M. Revisão integrativa: métodos de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Texto contexto – enfermagem**, 2008. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0104-07072008000400018. Acesso em 09 de outubro de 2025.